



rumores e ruídos

## LIVROS DE CABECEIRA

Em tempos de dvds, kindles, tablets, iphones, um livro, na sua forma impressa, parece-me, às vezes, mais um objeto de decoração do que um convite à experiência da leitura. O aspecto decorativo procura conferir *status* letrado a uma cultura esvaziada dessa prática. O hábito de ler que, quase sempre, requer silêncio e compenetração ganha uma visibilidade que, longe de revelar algo rotineiro, só aponta para o quão fora do comum ele se constitui. Por isso o apelo a imagens de jogadores de futebol lendo no vestiário, na cama, indicações de leitura feitas por atores, celebridades, entrevistados da revista Caras. Preconceitos à parte, a condição de leitor não é exclusividade de sujeitos letrados e/ou acadêmicos. Para esses, no entanto, ela é uma condição de existência: um fato ordinário, corriqueiro.

Buenos Aires é a capital da América Latina com o maior número de livrarias. Quem percorre as ruas de seus bairros pode se recolher, com facilidade, no aconchego de uma delas. *El Ateneu* está no prédio reformado de um antigo teatro, o que lhe dá solenidade e deslumbramento, mas há também as bancas de livros espalhadas pelas calçadas, sebos e cafés. Pobres de nós, campistas, que andamos por ruas esburacadas de canteiros de obras e vemos surgirem prédios e mais prédios, shoppings e mais shoppings e, com muita dificuldade, encontramos o abrigo de algumas estantes onde possamos repousar nossos sentidos e esquecer buzinas, trânsito, filas de banco e supermercado. Nossa planície se verticalizou. É fato! Nossos olhos não nos deixariam mentir. Mas essa verticalização é paradoxal. Nenhuma livraria se ergueu e se manteve de pé nesses últimos anos. Aquelas que honrosamente existem se sustentam, na realidade, como papelarias.

É claro que podemos ler pela internet (que bom!), que podemos comprar livros mais baratos pela internet! Também podemos frequentar bibliotecas virtuais, mas nosso espaço público carece de livrarias que cumpram sua função de convivência, de encontro, de aproximação, de formação de leitores, de



abrigo sim. Por que não? Nossas ruas, nossas praças, nossos shoppings são ocos e desertos de livros.

Se não os encontramos no espaço público, deveríamos tê-los em nosso espaço privado, na sua dimensão física ou digital. A expressão “livro de cabeceira” sugere, sem dúvida, uma ideia de localização. Há os que argumentam que não gostam de livros na cama, nas cabeceiras, nos aparadores, há os que, como o escritor Ronaldo Correia de Brito, dizem que ler antes de dormir é correr o risco de ser assombrado pelas histórias, é comprometer o sono. Há os que, ao contrário, pensam ser os livros ótima companhia para a insônia, há os que consideram a posição da cabeceira o lugar onde repousam os livros que deixamos empoeirar, cuja leitura nos causou enfado, e não o lugar onde estão, ao alcance de nossas mãos, aqueles livros que precisamos frequentar com regularidade assim como tomamos nossos remédinhos para nos mantermos vívidos e felizes.

Quero falar dos “livros de cabeceira” que o são porque estão na memória e na recordação, isto é, ao que é trazido de volta ao nosso coração e se presentifica. Por isso são livros que nos acompanham desde a sua primeira leitura: assombrando-nos, inquietando-nos, consolando-nos, reerguendo-nos. Não são de autoajuda. Podem, entretanto, auxiliar-nos a viver. São livros que, de alguma maneira, fazem parte de nossa “educação sentimental”.

Um “livro de cabeceira” não é necessariamente um clássico, mas mantém com ele, segundo as definições de Italo Calvino, em *Por que ler os clássicos?*, duas características que gostaria de comentar. A primeira é a seguinte: “O ‘seu’ clássico é aquele que não pode ser-lhe indiferente e que serve para definir a você próprio em relação e talvez em contraste com ele”. Ou seja, é aquele que nos faz algum ruído, que nos desperta emoções as mais diversas, que nos enternece ou encoleriza, que nos desassossega ou nos abranda os ânimos, que nos faz gritar ou silenciar, que nos faz rir ou chorar. Enfim, é aquele que, por semelhanças ou contrastes, nos identifica em relação ao mundo, que nos distingue e que nos interpela qual esfinge: “Decifra-me ou te devoro”!





rumores e ruídos

Lembro-me sempre da primeira leitura, em 1989, que fiz do romance *Lavoura Arcaica*, do paulista Raduan Nassar, publicado em 1975 e levado às telas por Luiz Fernando Carvalho, em 2001. Sentada na sala de meu apartamento no Rio de Janeiro - nunca na cama, pois o livro me exigia uma postura menos relaxada -, vendo o amanhecer e o anoitecer do Jardim Botânico, com o Cristo de costas para mim, fiz, solitariamente, meu rito de passagem. As palavras do personagem André, bradando diante do pai (“Eu também tenho uma história!”; “De minha parte, a única coisa que sei é que todo meio é hostil desde que negue direito à vida”), até hoje me estremeçam, assim como as de Iohána, o pai: “... nenhum entre nós há de cair jamais na fervura desta caldeira insana, onde uma química frívola tenta dissolver e recriar o tempo; não se profana impunemente ao tempo a substância que só ele pode empregar em suas transformações”. Um livro de cabeceira é aquele que nos leva à lona por nocaute!

Penso sobretudo que “um livro de cabeceira” é o que Calvino também diz do clássico: “É aquilo que persiste como rumor mesmo onde predomina a realidade mais incompatível”.